

LITERATURA

Revista Raça Brasil, Ano XV - Edição 169 - Agosto de 2012.

Os griots à brasileira

A tradição da oralidade africana não é exclusividade. Mas em nosso Continente Mãe, ela adquiriu, séculos após séculos, status de ritual e educação. Compilar histórias contadas é a especialidade de alguns escritores que querem descortinar a África para as crianças e os jovens do Brasil.

POR OSWALDO FAUSTINO

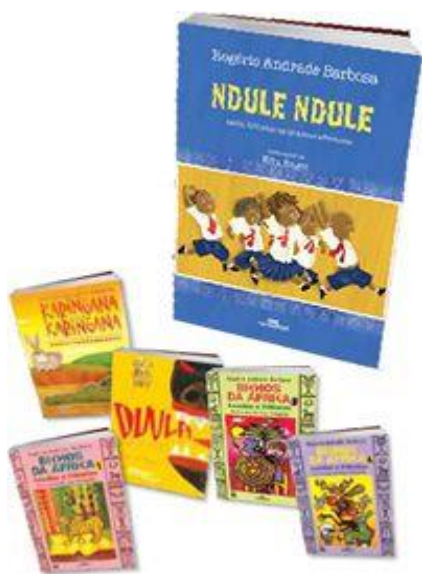
Há oito anos, a Lei 10.639/03 determinou que nas escolas de nosso País se ensinassem história e cultura afro-brasileira e africana. Muito antes disso, porém, escritores como Júlio Emílio Braz e **Rogério Andrade Barbosa** - que estão lançando respectivamente, pela Editora Melhoramentos, *O griot - histórias que ouvimos na África e NduleNdule - assim brincam as crianças africanas* - já se interessavam em contar, por meio de livros infantis e infanto-juvenis, lendas africanas e histórias de personagens e civilizações que floresceram no Continente Africano. Hoje, diferentemente de todos os demais escritores que produzem uma literatura para combater o racismo pela raiz, ambos podem viver exclusivamente dos livros que escrevem.

UM VOLUNTÁRIO NA ÁFRICA

Rogério Andrade Barbosa graduado em Letras e pós-graduado em Literatura Infantil, esse contador de histórias, escritor e professor, já publicou 91 livros infantis e juvenis, em 20 anos de carreira (pelo menos metade sobre temáticas africanas). Ele foi beber na fonte para assumir a missão de dar um "banho de África" na alma de estudantes e professores brasileiros: "Em 1979, eu li que a ONU estava convidando professores para trabalhar na Guiné Bissau, e me apresentei. Fui trabalhar num país muito pobre, mas com crianças muito interessadas e dedicadas em aprender." Ao retornar ao Brasil, em 1981, deu-se conta de que não havia praticamente nada para crianças sobre a cultura africana nas livrarias



e feiras de livros. Sua primeira obra nesse gênero foi *Bichos da África* (Lendas e Fábulas), em quatro volumes, traduzido e publicado na Alemanha, Argentina, no México e nos Estados Unidos: "Mande os originais para várias editoras e ouvi muitos não. Aí, a Melhoramentos aceitou publicar. Vendeu um milhão de exemplares e ganhou um prêmio Jabuti. Larguei o magistério para me dedicar exclusivamente à literatura", conta.



No período em que moravam na Guiné, Rogério e um amigo da Bahia viajaram por outros países africanos e ouviram muitas histórias. "Depois de meu retorno, voltei ao Continente Africano algumas vezes. Fui ao Egito, Marrocos, Angola, Tanzânia. Conheço 15 países da África e devo viajar em breve para a cidade sul-africana do Cabo. Em Angola, nasceram dois de meus livros. Durante uma viagem recente a Moçambique fui conhecer uma escola rural na divisa com a África do Sul e, das histórias ouvidas, nasceram outros dois: o de contos *Karinganawa Karingana* e *NduleNdule*, sobre as brincadeiras infantis que vi por lá." No ano passado também *Madiba, o Menino Africano*. Vários de seus livros, como *Sundjata, o Príncipe Leão* e *Contos ao redor da fogueira*, receberam a classificação de "Altamente recomendável para jovens", ou "Altamente recomendável para crianças", além de integrarem acervos e catálogos internacionais.

As obras *ABC do Continente Africano*, *Uma ideia luminosa* e *Duula, a mulher canibal* ocupam várias listas de obras recomendadas. Uma das atividades preferidas do autor é proferir palestras e cursos a professores sobre cultura africana. "A maioria não está preparada para cumprir a lei, seja por desconhecimento ou por falta de interesse ou sensibilidade com relação à diversidade cultural brasileira, grande parte dela herdada das culturas africanas", comenta. Por meio da literatura infantil e juvenil, o autor assumiu o importante papel de combater o racismo e os estereótipos sobre a África e seus filhos. "O livro é um instrumento poderoso nas mãos do professor e transformador nas mãos dos leitores de qualquer idade", conclui.